

## V - O DESENVOLVIMENTO DO COMÉRCIO NA AMÉRICA LATINA *THE DEVELOPMENT TRADE IN LATIN AMERICA*

Lara Livia Cardoso Costa Bringel<sup>12</sup>; CORREIA, Emanuelle Araújo Correia<sup>13</sup>

### RESUMO

A América Latina sempre foi um campo fértil para os interesses comerciais. Lugar de muitas riquezas naturais, o continente sempre foi encarado como uma grande oportunidade. Por séculos foi explorada de várias maneiras e mesmo com toda submissão sempre manteve sua busca por desenvolvimento e independência, seja esta econômica e/ou política. O Novo Continente, assim como qualquer outro, apresenta várias diferenças culturais, sociais, econômicas e geográficas. Mesmo com todas estas diferenças, pode-se vislumbrar uma identidade latino-americana, conquistada no decorrer do tempo e baseada na semelhança de luta dos povos latinos pelos mesmos ideais. Assim, a proposta deste trabalho, é analisar o desenvolvimento do comércio na América latina, norteando alguns aspectos históricos, como o Mecanismo Colunista, os processos de emancipação política, o período entre guerras e a busca constante por uma integra integração latino-americana.

**Palavras-chave:** América Latina; Desenvolvimento; Comércio; Integração.

### ABSTRACT

Latin America has always been a fertile ground for business interests. Place of great natural wealth, the continent has always been seen as a great opportunity. For centuries it was exploited in many ways and even with all submission has always maintained its quest for development and independence, both economic and / or policy. The New Continent, as well as any other, has various culture differences, social, economic and geographical. Even with all these differences, one can glimpse a Latin American identity, acquired over time and based on the similarity of Latinos struggle of peoples for the same ideals. The proposal of this work, is examining the development of trade in Latin America, orienting some historical aspects, as the mechanism Columnist, the processes of policyl emancipation, the period between wars and constant search for an integrating Latin American integration.

---

<sup>12</sup> Graduada em Direito pela Universidade de Marília – Marília/SP. Especialista Lato Sensu em Direito do Estado pela Universidade Estadual de Londrina – Londrina/PR. Mestre em Direito, Relações Internacionais e Desenvolvimento pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás – PUC Goiânia/GO. Doutoranda em Ciências Jurídicas e Sociais pela Universidad del Museo Social Argentino – Buenos Aires/AR. Professora da Faculdade Católica do Tocantins e CEULP/ULBRA-TO. Email: [laliviocardoso@hotmail.com](mailto:laliviocardoso@hotmail.com)

<sup>13</sup> Graduada em direito pela Universidade de Gurupi- Gurupi-TO. Especialista Lato Sensu em Direito Público e Direito Processual pela FESURV- Universidade de Rio Verde- GO. Mestre em Direito, Direito Constitucional Econômico pela universidade de Marília - Marília-SP. Professora da Faculdade Católica do Tocantins. Email: [e.a.c@hotmail.com](mailto:e.a.c@hotmail.com)

**Keywords:** Latin America; Development, Trade, Integration.

## INTRODUÇÃO

Com a evolução do homem e da sociedade, os Países latino-americanos perceberam a força que possuem, e buscaram unir forças, tendo como finalidade o fortalecimento regional, para poder fazer frente aos países que comandam a economia mundial.

Os países latino-americanos percebem que a unidade regional é o meio de figurar de forma importante no cenário econômico mundial. Assim, inaugura-se um novo cenário econômico, a busca por integração, por solução de conflitos, por unidade, a América Latina tentando recuperar a identidade perdida durante toda a história, e finalmente conquistar um lugar de prestígio entre as grandes economias mundiais.

O presente trabalho busca demonstrar os interesses que foram apresentados para que a América Latina desenvolva com maior integração as suas respectivas economias.

A integração econômica é uma das mais importantes decisões políticas adotadas pelos Estados para fortalecer a economia regional através da cooperação entre os países, pois por meio dela se estabelece entre os Estados-membros a livre circulação das mercadorias, a unificação dos direitos de aduana e as demais regulamentações comerciais restritivas.

### 1 O MECANISMO COLONIALISTA

“A partir do século XVI as potências européias começam a instalar na América Latina uma série de colônias, com a criação de feitorias e enclaves nestes territórios. Dessa forma, dá-se início a implantação de colônias de povoamento e exploração” (COLONIALISMO, 2005, p. 01).

Existiam duas espécies de colônias: as de povoação e as de exploração.

As colônias de povoamento são implantadas nos Países da América do Norte pela Coroa Inglesa e surgem em decorrência de diversos fatores, dentro os quais pode-se citar alguns exemplos:

“Excedentes populacionais, perseguições religiosas e o crescimento da demanda de produtos agrícolas pela população européia” (COLONIALISMO, 2005, p. 01).

Essa ocupação era feita por homens livres, que estabeleciam pequenas propriedades, produzindo para o próprio sustento.

Já as colônias de exploração foram instaladas com o objetivo de transferir riquezas para as metrópoles. Eram utilizadas grandes extensões de terras férteis, nas quais se cultivavam monoculturas como tabaco, cana-de-açúcar e algodão. Estas colônias dão início aos latifúndios monocultores e têm como principal força de trabalho os escravos trazidos da África.

Nesse sistema o tráfico negreiro se torna uma das mais lucrativas atividades, durante os séculos XVI e XIX. As colônias de exploração foram utilizadas predominantemente na América Latina, por Portugal e Espanha (COLONIALISMO, 2008, p. 02).

As duas atividades continuaram a existir, no entanto a circulação da produção ficou restrita ao domínio da metrópole, fazendo com que o colonialismo se tornasse um sistema de expansão mercantil européia, regulado pelos interesses da burguesia comercial.

O colonialismo espanhol tem início com a conquista das populações pré-colombianas a partir do século XVI.

O colonialismo foi caracterizado por uma violenta invasão onde ocorram execuções, escravização e pilhagem das riquezas do antigo império Asteca. Também o império Inca, com concentração no Peru, é totalmente destruído (COLONIALISMO, 2008, p. 03).

As populações indígenas tentaram resistir de todas as formas às invasões espanholas, porém não conseguiram, foram escravizadas e dizimadas. Na América Andina a principal atividade é a exploração de metais preciosos.

Além da exploração mineira os espanhóis desenvolvem outras atividades como a agricultura e a pecuária, essas atividades são desenvolvidas com a utilização de mão-de-obra indígena. As terras são divididas entre os colonos e para cada um deles é confiado certo número de índios. Em troca da utilização desses índios os colonos se comprometem em mantê-los cristianizados (COLONIALISMO, 2008, p. 03).

Já o Brasil foi, em suma, uma grande colônia de exploração. A decadência do comércio com o Oriente e a descoberta de metais preciosos pela Espanha fizeram com que Portugal buscasse a colonização do Brasil. Os constantes desentendimentos entre portugueses e espanhóis fizeram com que surgisse o tratado de Tordesilhas, que dividia a América Espanhola e a América Portuguesa.

Desenvolveu-se no território brasileiro, inicialmente, a cultura agrícola, baseada principalmente na cana-de-açúcar, onde essa cultura culminava em um sistema de comércio extremamente complexo, entre Brasil e Portugal, que revelava um extremo domínio da metrópole.

Este sistema foi regulamentado pelo Estado, de acordo com o espírito mercantilista. A mais importante medida estabelecida pelo rei foi o “exclusivo metropolitano”, conforme expressão da própria época, que obrigava o Brasil a fazer o comércio “exclusivamente” com Portugal. Os senhores de engenho eram privados de sua liberdade de comercializar os seus produtos, sendo obrigados a vendê-los à metrópole em preço previamente estipulado, e sendo obrigados também a comprar os produtos manufaturados dos comerciantes portugueses (COLONIALISMO, 2008, p. 04).

A principal conseqüência disso foi que a burguesia metropolitana tinha condições de impor tanto o preço de compra do açúcar, quanto o de venda de seus produtos manufaturados. Desse modo, ocorria uma dupla exploração colonial: a burguesia metropolitana comprava o açúcar a preço abaixo do mercado e vendia os seus produtos a preços acima do mercado.

Por fim, esse mesmo açúcar era revendido tanto em Portugal quanto na Europa a preço de mercado, elevando ainda mais o lucro dos comerciantes portugueses (COLONIALISMO, 2008, p. 05).

Dessa forma o que se chama de escravismo colonial é um sistema complexo de dominação composto essencialmente pela exploração escravista e pela expropriação colonial, aliados à dominação política.

Esse sistema colonial permaneceu por cerca de três séculos, gerando descontentamento por parte dos produtores da América, esse descontentamento, aliado ao processo de emancipação política deflagrado pelos Estados Unidos da

América no final do século XVII, fez com que o ideal de emancipação política se espalhasse por toda a América Latina, gerando profundas mudanças na economia do continente. Dessa forma iniciava-se uma nova fase no contexto latino-americano, que consistia nas mudanças econômicas, trazidas pelos processos de emancipação política.

## 2 OS PROCESSOS DE EMANCIPAÇÃO POLÍTICA NA AMÉRICA LATINA

Os processos de emancipação política na América Latina ocorreram, em sua maioria, entre o final do século XVIII e o início do século XIX, e trouxeram as primeiras mudanças significativas no comércio dos então novos Países. Tais processos foram impulsionados por vários fatores, que, de forma conjunta, tornaram insustentável a situação colonial em que vivia o novo continente.

Dentre esses fatores podemos citar a independência dos Estados Unidos, a Revolução Francesa, a difusão das idéias iluministas, a expansão napoleônica e o crescimento do comércio marítimo inglês, todos esses aspectos geraram uma grande crise colonialista e contribuíram para o desenvolvimento dos ideais de emancipação política (INDEPENDÊNCIA DA AMÉRICA ESPANHOLA, 2008, p. 01).

Os primeiros movimentos de independência ocorrem na América Espanhola, onde o sistema colonial já havia sido reformulado pela Espanha em 1713 através do Tratado de Utrecht<sup>14</sup>, no entanto os ideais iluministas e a grande intervenção dos Estados Unidos da América fizeram com que as colônias espanholas buscassem sua emancipação política.

Assim, no início do século XIX, a Espanha vivia sobre constante pressão britânica, pois os ingleses intencionavam a abertura de um mercado consumidor na América Espanhola. De outro lado possuía como sua grande aliada a França, que nessa época já era governada por Napoleão Bonaparte.

Quando Napoleão Bonaparte invade a Espanha, os ingleses tornam-se aliados dos espanhóis, mas procuram se manter neutros aos movimentos da região até 1814, quando passam a fazer a mediação dos conflitos das colônias. O apoio da Inglaterra às nações americanas que se tornam independentes tem como objetivo o controle do comércio da região. Isso impede que outros países europeus auxiliem a Espanha na luta contra os "patriotas" e fortalece a Doutrina Monroe<sup>15</sup> (INDEPENDÊNCIA DA AMÉRICA ESPANHOLA, 2008, p. 01).

Assim, na medida em que se desenvolviam os processos de emancipação política, a Espanha perdia força na América Latina, e já com seu governo enfraquecido, fazia tentativas inúteis de manter a unidade da América Latina, como a publicação de decretos dizendo que a América Espanhola pertencia a Coroa.

Nesse cenário, os americanos, que também possuíam e continuam possuindo interesse nesse mercado, auxiliavam os países que buscam sua independência, fazendo com que, de certa forma, esses Países obtivessem sua emancipação política, mas mantendo sua dependência econômica, tendo como

---

<sup>14</sup> O tratado de Utrecht foi uma decorrência da derrota da Espanha na "Guerra de Secessão Espanhola", sendo forçada a fazer concessões à Inglaterra, garantindo a esta a possibilidade de intervir no comércio fornecendo escravos e vendendo produtos manufaturados para as colônias.

<sup>15</sup> A doutrina Monroe foi um documento enviado ao Congresso norte-americano e aprovado por este em 1823, documento em que o então presidente James Monroe condenava qualquer espécie de intervencionismo europeu na América Latina, bem como qualquer tentativa de recolonização, em troca os Estados Unidos se abstinham de intervir em qualquer negócio Europeu.

única mudança o fim do monopólio europeu e o surgimento de uma nova potência comercial: os Estados Unidos da América.

Destarte, as nações colonizadas conquistam sua emancipação política: o Paraguai a proclama em 1811; Argentina, em 1816; Chile, em 1818; Venezuela e Colômbia, em 1819; México, em 1821; Equador e Brasil, em 1822; Peru, em 1824; Bolívia, em 1825; Uruguai, em 1828; Costa Rica, Nicarágua e Honduras, em 1838; El Salvador, em 1841; Guatemala, em 1847; República Dominicana, em 1865; Cuba, em 1902; e Panamá, em 1903 (INDEPENDÊNCIA DA AMÉRICA ESPANHOLA, 2008, p. 02).

No entanto, a unidade da América Espanhola não se manteve, pelo fato de os processos de emancipação, na maioria das vezes, deflagrados em momentos diferentes, fez com que a identidade da América Espanhola sofresse uma desfragmentação, dividindo essa América em várias partes.

Exemplo dessa desfragmentação ocorre na América Central, em 1822. A Guatemala subleva-se contra sua anexação pelo México. Em 1823 forma-se a Federação das Províncias Unidas da América Central, que dará origem aos atuais El Salvador, Guatemala, Nicarágua, Honduras e Costa Rica. Em 1829 a Costa Rica abandona a Federação. Assim, a unidade da América Espanhola não teve forças para continuar, havendo uma perda de identidade entre as colônias espanholas, mesmo contando com o apoio do General Simon Bolívar<sup>16</sup> e de San Martín, a América Espanhola se divide (INDEPENDÊNCIA NA AMÉRICA, 2008, p. 02).

“Dentro desse novo panorama, a América Espanhola atingiu a emancipação política em um lapso de aproximadamente um século, tornando-se um mercado promissor para os países desenvolvidos da época, que eram Inglaterra, França e Estados Unidos.” (INDEPENDÊNCIA NA AMÉRICA, 2008, p.02).

Estes países incentivavam a produção agrícola, comprando os produtos a preços baixos, manufaturando-os e vendendo aos países latino-americanos por um preço extremamente alto. Observa-se que o sistema das colônias ainda existe, no entanto o contexto é outro, o sistema existe dentro da emancipação política.

Na América Portuguesa o processo foi parecido, onde existia a intenção dos Países desenvolvidos (Inglaterra, Estados Unidos e França) em criar mercados para seus produtos, e a colônia portuguesa era um mercado promissor e principalmente produtivo.

Com a derrota definitiva de Napoleão, Dom João VI deixou a regência do Brasil com o príncipe Pedro I, e este, contagiado por todos os aspectos que deflagraram o processo de emancipação política da América Espanhola, proclamou a independência do Brasil, em 07 de setembro de 1822, contando com uma generosa ajuda da Inglaterra.

O processo de independência da América Portuguesa, no entanto, apresentou dois aspectos completamente diferentes da emancipação espanhola. O primeiro é que na América Portuguesa o sistema monarquista ainda perdurou por mais de cinquenta anos, enquanto na América Espanhola essa forma de Governo não encontrou guarida. O segundo aspecto é que a América Portuguesa manteve sua integração Territorial, enquanto a América Espanhola desmontou-se, com a formação de inúmeros países. Quanto as questões econômicas, a forma de exploração pelas grandes potências aplicada à América Espanhola foi mantida na

---

<sup>16</sup> Simón Bolívar (1783-1830) é como fica conhecido José Antonio de La Santíssima Trindad Simón Bolívar y Palácios, o "Libertador" das colônias espanholas da América do Sul. É responsável pela criação da Grã-Colômbia, região que compreendia a Colômbia, Peru e Bolívia e também é um dos principais defensores da identidade Latino – Americana.

“A partir da segunda metade do século XIX a revolução industrial, que teve início na Grã-Bretanha, ganhou força no continente europeu, e seus reflexos foram sentidos na economia da América Latina”. (INDEPENDÊNCIA NA AMÉRICA, 2008, p. 03).

A produção europeia era cada vez maior, e o grande mercado consumidor dos produtos europeus era a América Latina.

Em decorrência das pressões Europeias, especialmente da Inglaterra, os países da América Latina passaram a abolir a política de escravatura, pois os escravos, que livres se tornariam trabalhadores, teriam meios de adquirir os produtos europeus, acontecendo assim, a expansão do mercado latino-americano.

Dessa maneira se manteve o panorama econômico da América Latina até o início do Século XX, quando teve início a Primeira Guerra Mundial. A guerra foi mais um marco na profunda mudança econômica que a América Latina voltaria a experimentar.

### **3 O INÍCIO DO SÉCULO XX E O PERÍODO ENTRE GUERRAS**

Após a emancipação política da maioria das colônias Latino-Americanas, seguiu-se um período de intensa prosperidade, principalmente em relação aos países desenvolvidos, Inglaterra, Estados Unidos e França, que com a revolução industrial produziam em índices elevados, e faziam com que sua produção fosse consumida pelo mercado do novo continente.

No entanto, após um período relativo de paz, proporcionado pelo Congresso de Viena, consagrado em 1815, os problemas decorrentes da revolução industrial começavam a transparecer por toda a Europa.

“Esses problemas eram as próprias contradições permanentes e fundamentais do modo de produção capitalista: a miséria do proletariado em meio à abundância, as crises de superprodução, a frenética busca de mercados e os problemas sociais e econômicos.” (PRIMEIRA GUERRA MUNDIAL, 2008, p. 01).

Devido à essa grande crise no território europeu, demorou pouco para que a Primeira Grande Guerra acontecesse, e ela teve início no ano de 1914. No início da guerra, sete Estados já se achavam envolvidos diretamente: Áustria-Hungria, Rússia, Sérvia, Inglaterra, Bélgica, França e Alemanha. À 23 de agosto o Japão juntou-se aos Aliados e em novembro a Turquia aderiu às Potências Centrais (PRIMEIRA GUERRA MUNDIAL, 2008, p. 01).

“Nessa época o mundo já começava a sentir os efeitos da guerra, com o envolvimento das potências mundiais, as colônias se envolviam diretamente no conflito, bem como os países economicamente dependentes, como eram os países da América Latina” (PRIMEIRA GUERRA MUNDIAL, 2008, p. 02).

Com o ingresso dos Estados Unidos na guerra em 1917, a América Latina foi envolvida no conflito de forma vital, pois as atenções norte-americanas ficaram voltadas para o conflito, e neste período as trocas comerciais com os países do novo continente diminuíram de maneira substancial.

“Isto gerou uma crise na produção agrícola latina, pois os grandes compradores, envolvidos no conflito, fizeram com que o ritmo de consumo dos produtos diminuísse, e conseqüentemente, o preço dos produtos baixasse e os produtores latinos entrassem em crise.” (PRIMEIRA GUERRA MUNDIAL, 2008, p. 02).

No Brasil o principal impacto ocorreu na economia cafeeira. Esta que estava voltada para o mercado externo, sofreu imediatamente grande impacto. Não só porque o Brasil participou diretamente do conflito a partir de 1917, mas, sobretudo porque a guerra desorganizou o mercado internacional, trazendo novas dificuldades para a exportação do café, que outra vez teve o seu preço em declínio.

No período entre as duas grandes guerras (1918-1939) o que se observava era uma constante crise econômica. Nos primeiros anos o ritmo da economia foi retomado, mas a inflação começou a assolar a Europa e atingir as grandes potências.

Devido a esse fato, todos os Países, que antes eram economicamente dependentes, também passaram por crises ainda mais severas. O período compreendido entre o final da década de vinte e o início da década de trinta foi o auge da crise econômica, época esta em que o mundo ainda sentia os efeitos da Primeira Guerra Mundial.

Na América a crise da produção fazia com que a elite agrária sofresse um constante empobrecimento, os governos tentavam, em vão, fomentar a economia de seus países, através de algumas medidas protecionistas, como a compra de boa parte da produção agrícola ou a instituição de tarifas externas exorbitantes (PRIMEIRA GUERRA MUNDIAL, 2008, p. 03).

Um grande exemplo dessa política ocorreu no Brasil, com a crise do café nos anos trinta. A produção brasileira, que era vultuosa, não encontrava compradores, e o governo Getúlio Vargas comprava boa parte da produção cafeeira, e depois queimava essa produção. Tal medida buscava fomentar o comércio cafeeiro, no entanto, não obteve êxito.

Na Europa, as grandes potências sofriam com os efeitos da crise econômica, e desenvolviam políticas nacionalistas e protecionistas, com a adoção de medidas populistas, tudo isso para tentar controlar a inflação e a grande quantidade de movimentos sociais que constantemente surgiam nesse período (SEGUNDA GUERRA MUNDIAL, 2008, p. 01).

A adoção das políticas nacionalistas surtiu efeitos principalmente na economia da Alemanha, quando Adolf Hitler conseguiu controlar a inflação e manejar a crise que atingia seu País, tendo essas medidas nacionalistas como base o confisco de bens dos estrangeiros, bem como a submissão destes à trabalhos forçados, tudo isso fazia com que a Alemanha voltasse a prosperar.

“Impulsionada por todos esses aspectos, a Alemanha iniciou um plano de conquista da Europa, começando pela invasão da Polônia, em 1939, que é o marco inicial da Segunda Guerra Mundial, que durou até o ano de 1945.” (SEGUNDA GUERRA MUNDIAL, 2008, p. 01).

Durante a guerra o mundo se polarizou, de um lado havia o eixo que era composto por Alemanha, Itália e Japão. Do outro, haviam os aliados, que eram Inglaterra e França, que posteriormente uniram-se a Estados Unidos e União Soviética.

Conseqüentemente, os países latino-americanos começaram a sofrer pressões para adotar uma posição em relação ao conflito, sendo que não se admitia neutralidade. Iniciou-se um período de grandes barganhas econômicas, em que os países do novo continente obtinham vantagens econômicas e comerciais, e em troca posicionavam-se a favor dos aliados.

Essa tática foi utilizada pelos Estados Unidos, que ainda sob a influência da doutrina Monroe exercia domínio sobre a América Latina.

Exemplo dessas trocas comerciais ocorreu no Brasil, haja vista que o

governo de Getúlio Vargas tinha inclinações nazi-fascistas, mas não se manifestava favorável ou contrário ao regime. Após constantes pressões norte-americanas, Getúlio Vargas condicionou seu apoio aos aliados à construção de uma companhia siderúrgica na cidade de Volta Redonda, no Rio de Janeiro. A proposta, inicialmente, não foi aceita pelos norte-americanos, mas o interesse da Alemanha na construção desse projeto fez com que os Estados Unidos mudassem de idéia. Assim o Brasil passou a apoiar os aliados, e posteriormente, entrou definitivamente na guerra, quando submarinos brasileiros são supostamente afundados pelos alemães (SEGUNDA GUERRA MUNDIAL, 2008, p. 02).

Com o desenvolver da Segunda guerra, a situação econômica latino-americana sofreu novo impacto, a dependência econômica dos Países de maior desenvolvimento que estavam envolvidos no conflito fazia com que os Países latino-americanos continuassem em crise. Com a produção totalmente voltada para a indústria bélica, esses países sofriam com a falta de diversos produtos, que antes eram tradicionalmente importados.

Devido à guerra, incentivou-se na América Latina a produção industrial. Os primeiros países a investir na produção industrial foram os países da bacia do Prata. Com o final da Segunda Guerra Mundial o planeta se polarizou e a Guerra Fria protagonizada por Estados Unidos e União Soviética teve início.

#### **4 A GUERRA FRIA E A POLARIZAÇÃO ECONÔMICA**

Com o fim da Segunda Guerra Mundial novamente o panorama econômico mundial se transformaria. A Europa, completamente destruída, iniciava sua reconstrução, assim como o Japão, que havia se rendido para os americanos em 1945.

A América Latina vivia um período de incertezas, e começava a ser disputada por duas grandes potências, que saíram vencedoras da Segunda Guerra Mundial: os Estados Unidos e a União Soviética.

Os norte-americanos se beneficiaram da guerra por dois aspectos: primeiro porque a luta armada não ocorreu em seu território, portanto não necessitava de reconstrução; segundo porque haviam ingressado apenas na segunda fase da guerra, em 1942, e durante todo o tempo anterior beneficiaram-se dos lucros com a venda de armamento e de suprimentos para os países que estavam envolvidos no conflito (GUERRA FRIA, 2008, p. 01).

Já os soviéticos possuíam um sistema de governo socialista, em que todos os lucros da produção se concentravam nas mãos do governo, que em troca fornecia os elementos básicos para a subsistência de seus cidadãos, dessa forma poderiam investir na indústria bélica, e iniciar o plano de expansão do socialismo por toda Europa.

O mundo dividiu-se, de um lado tinham-se os países capitalistas, liderados pelos Estados Unidos, que tentavam conter o avanço dos ideais socialistas pela Europa e pelo mundo. Esse interesse de contenção existia porque com o desenvolvimento do socialismo os mercados consumidores desapareceriam, fazendo com que os capitalistas novamente voltassem à crise.

Já os soviéticos queriam implantar seu sistema governamental na Europa, e por meio de reformas políticas controlarem parte dos territórios europeus. Com a Europa socialista, a União Soviética poderia controlá-la sem a necessidade de realização de uma guerra.



Na realidade, a União Soviética tenta aproveitar-se de um momento delicado de pós-guerra para implantar seu poder.

Um dos pontos iniciais da Guerra Fria ocorreu em Potsdam, quando o Presidente Americano Truman dizia que o socialismo deveria ser impedido a qualquer preço. Não se poderia permitir houvesse a sua expansão, então os EUA deveriam agir sem levar em conta os esforços humanos e materiais. Essa declaração ficou conhecida como a Doutrina Truman. Em seguida, foi idealizado pelo então Presidente do Tesouro Americano, James Marshall, o Plano Marshall<sup>17</sup>. Ele afirma que em nenhum Estado rico há a ameaça do socialismo, pois a abundância isola o socialismo da população, é o povo pobre que quer o socialismo e não os ricos (GUERRA FRIA, 2008, p. 02).

Mas os planos de contenção e expansão por parte das duas potências não ficaram restritos à Europa, porque na medida que a União Soviética planejava sua expansão para outros continentes, os norte-americanos estudavam maneiras para impedir esse acontecimento, seja através de intervenções militares, seja através de auxílio econômico.

A União Soviética começa sua expansão, levando a revolução para a China, Coréia do Norte e Cuba, enquanto os Estados Unidos começam seus planos de contenção, exercendo sua influência sob a América Latina e pressionando seus parceiros europeus a promoverem o processo de descolonização da África (GUERRA FRIA, 2008, p. 02).

A inserção da Guerra Fria na América Latina começou com a revolução cubana, em 1959. Cuba é uma ilha, a cerca de 100 milhas da costa da Flórida, e que na época contava com a intervenção do capital americano, se transformando em uma grande estância turística americana, uma espécie de “Miami” do Caribe.

Com a revolução de 1959, comandada por Fidel Casto e Ernesto Che Guevara a ilha de Cuba começa a sofrer profundas mudanças. A revolta contava, em seu início, com a simpatia da Casa Branca, mas medidas adotadas por Fidel Castro, como nacionalização das empresas norte-americanas e reforma agrária, fizeram com que a Casa Branca se preocupasse com os rumos de Cuba. Quando os americanos resolveram intervir em Cuba já era tarde, Fidel Castro havia se aproximado da União Soviética e instalado o socialismo na ilha (GUERRA FRIA, 2008, p. 03).

Além de Cuba, os soviéticos também haviam colaborado com a ditadura da Nicarágua, em meados da década de cinqüenta. Estes dois casos preocuparam os americanos, que voltaram suas atenções para a América Latina. A partir da década de 60 os norte-americanos intensificaram seus avanços na América Latina, e transformaram, com auxílio econômico e bélico, as democracias precárias.

Assim foi com Brasil, Argentina, Uruguai, Paraguai, Chile, Bolívia, Peru, Panamá, El Salvador e Guatemala, em todos estes Países houve intervenção direta dos Estados Unidos para que o ímpeto comunista fosse controlado e para que a União soviética não se expandisse e destruísse completamente o frutuoso mercado consumidor latino (GUERRA FRIA, 2008, p. 04).

“Algumas medidas foram adotadas, como a Aliança do progresso, que era um plano parecido com o Plano Marshall, porém em menor escala de valores.

---

<sup>17</sup>O Plano Marshall foi o plano de reconstrução da Europa para evitar a expansão do socialismo. Para erguer economicamente os países europeus, foram usados dezesseis bilhões de dólares (hoje corresponde a quatro trilhões). Os beneficiados por esse plano são Inglaterra, França, Alemanha, dentre outros. Os EUA ainda vão comprar uma grande quantidade de produtos para incentivar as indústrias desses países (GUERRA FRIA, 2005).

Assim, com as ditaduras militares os norte-americanos iniciaram uma caça aos comunistas, em toda América Latina.” (GUERRA FRIA, 2008, p. 04).

Na realidade esse período não foi muito proveitoso, pois existia apenas o controle dos Estados Unidos e o medo da expansão comunista.

Esse controle fez com que o comércio ficasse restrito, assim os países Latino-Americanos mantiveram relações comerciais apenas com os países capitalistas, e deixavam os países comunistas de lado. No período da Guerra Fria é que surgiram as primeiras tentativas de integração econômica da América Latina.

O final da Guerra Fria começou a ser desenhado na década de 80, através de Mikhail Gorbatchev. No plano econômico, Gorbatchev instituiu a Perestroika, ou Reconstrução, buscando novas formas de conduzir a economia soviética. No plano político, retomou negociações para pôr fim à corrida armamentista. Internamente, libertou opositores do regime, viabilizou o abrandamento da censura e permitiu que os problemas fossem discutidos abertamente pela população. As reformas iniciadas em Moscou logo se refletiram na Europa socialista, onde os movimentos democráticos ganharam força para mudar todo o panorama político do antigo bloco soviético (GUERRA FRIA, 2008, p. 05).

Esse processo iniciado por Gorbatchev trouxe mudanças para a América Latina, onde o comunismo não oferecia mais tanto perigo e as ditaduras começavam a se revelar sangrentas demais, e aos poucos as ditaduras foram caindo, veio a abertura política e uma renovação na economia mundial. Os mercados comunistas se abriram para o capitalismo, e as necessidades passaram a ser outras, o exemplo da União Européia e a experiência das guerras, passou-se a buscar integração regional, sendo que na América Latina isso foi feito através da ALALC, da ALADI, do Pacto Andino e posteriormente do Mercosul.

## **5 O DESENVOLVIMENTO E A BUSCA POR INTEGRAÇÃO**

A Guerra Fria não trouxe apenas uma polarização do mundo, mas também trouxe a busca por desenvolvimento industrial e, principalmente, desenvolvimento bélico. Nesse diapasão, a segunda metade do século XX foi decisiva para a América Latina, pois representava a chegada de uma nova revolução.

Apesar do pouco desenvolvimento trazido pelos regimes militares, a industrialização começa a ganhar força na América Latina no final da década de 70. Nessa época ocorre grande proliferação de indústrias por estes territórios, principalmente em busca de mão-de-obra barata, e aproveitamento do mercado de consumo (FREIRE, 2008, p. 01).

Junto com o desenvolvimento industrial, que recuperou suas forças com o enfraquecimento da ditadura, surgiram os movimentos sindicais, além dos movimentos sociais, que tinham com finalidade acabar com os abusos cometidos pelos governos militares na América Latina.

“Devido ao grande interesse histórico em nosso continente, os Países latino-americanos percebem que são mais fortes do que acham, e buscam unir forças, buscam o fortalecimento regional para poder fazer frente aos países que comandam a economia mundial.” (FREIRE, 2008, p. 01).

Assim, se iniciou a busca por integração, primeiramente com a ALALC, depois com a ALADI, o Pacto Andino e principalmente, o Mercosul. Os países latino-americanos perceberam que a unidade regional era a única forma de figurar de forma importante no cenário econômico mundial.

Mercosur significa más de la mitad del producto bruto de América Latina, y

la mayor concentración industrial, tecnológica y financiera al sur de los Estados Unidos. Por otra parte, la Unión Europea es el primer socio comercial del Mercosur, y su principal fuente de inversión directa. (DEL POZI, Roberto Dromi Carlos Molina. Acuerdo Mercosur – Union Europea).

Assim, inaugurou-se um novo cenário econômico, a busca por integração, por solução de conflitos, por unidade; e a América Latina tentando recuperar a identidade perdida durante todos os percalços da história, e finalmente conquistar um lugar de prestígio entre as grandes economias mundiais.

La creación del Mercosul y, dentro de él, el procedimiento de solución de controversias, constituyen un sistema de transacción. Es de esperar que cuando se elabore el sistema definitivo al que hace mención el art. 44 del protocolo de Ouro Preto se corrijan las graves deficiencias, se contemplen diversas acciones y vías, según sean los distintos tipos de reclamos y conflictos que puedan ocurrir, y se regule la intervención de los particulares como verdaderos legitimados activos y no como meros denunciantes que dependen de la voluntad de los Estados. (GRANILLO OCAMPO, 2007, p. 617).

A abertura provocada pelo fim da Guerra Fria fez com que os países latino-americanos expandissem suas economias, com a diminuição das barreiras protecionistas as grandes empresas estrangeiras puderam se instalar nos países da América Latina e fazer com que o desenvolvimento econômico, bem como a produção industrial, aumentassem consideravelmente (FREIRE, 2008, p. 02).

Os termos mudam, como “Países de primeiro mundo, de segundo mundo e de terceiro mundo” e surgem termos mais simples: Países desenvolvidos e Países em desenvolvimento. Com a mudança de política, as investidas dos países deixaram de ser bélicas, para se transformarem em comerciais, e deixaram de ser conflituosas, para se tornarem diplomáticas.

O principal interesse agora não é a anexação de territórios, nem a imposição de ideologias ou a criação de etnias, mas sim, o interesse principal é o desenvolvimento do comércio, o acúmulo de riquezas, a possibilidade de se ganhar mais e perder menos, aumentar ao máximo os lucros e correr o mínimo de riscos.

O fim do socialismo eleva o capitalismo à todo vapor, a América Latina, com um aprendizado obtido pelo decorrer dos séculos, toma consciência de sua importância, e deixa de atender aos mandos dos Países em desenvolvimento, negociando com estes em posição igualitária, sem a dependência que havia anteriormente (FREIRE, 2008, p. 03).

E, sendo o comércio o principal interesse do mundo moderno, a integração regional é o principal meio de que se pode dispor para aproveitar da melhor forma possível o comércio com todas as nações do mundo, e a abertura política que hoje se vislumbra.

Dessa forma se cria uma nova consciência na América Latina, iniciando a busca por Integração, a aproximação não apenas por aspectos geográficos, mas também por fortalecimento, unidade e desenvolvimento interno e externo.

“El tratado de Assunción de 1991 es el punto culminante de um prolífico camino que empezó a recorrerse desde la convergencia democrática em Argentina y Brasil.” (SANCHEZ, Alberto M: 2004, p. 106).

Durante el periodo transitorio<sup>18</sup> los instrumentos para alcanzar los objetivos

---

<sup>18</sup> Desde a assinatura do Tratado até o estabelecimento do mercado comum.

son:

- um programa de liberalización comercial, consistente em uma progresiva redución de aranceles y en una eliminación de barreras no arancelarias y otras restricciones;
- la cordenación de lãs políticas macroeconômicas;
- la adopción de um arancel externo común;
- la implementación de acuerdos sectoriales;
- um trato diferencial para Paraguay y Uruguay.(IZA, Alejandro Omar:1997,97-98)

Os Países latino-americanos se uniram e começaram a surgir os diversos blocos econômicos, a experiência comunitária Européia, de grande desenvolvimento, fez com que os países latino-americanos fossem impulsionados na busca por essa nova tendência mundial, a unidade regional, o fortalecimento econômico, o desenvolvimento conjunto e o papel de destaque ante a economia mundial.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Com o desenvolvimento do presente trabalho, percebe-se que os países latino-americanos, com o passar dos tempos percebem que a união regional é o meio de figurar de forma importante no cenário econômico mundial; onde a busca por integração, por solução de conflitos, por unidade, tentando recuperar a identidade perdida durante toda a história, e conquistar um lugar de prestígio entre as grandes economias mundiais passa a ser um objetivo comum.

O principal interesse com o desenvolvimento do comércio na América Latina não é a anexação de territórios, nem a imposição de ideologias ou a criação de etnias, o interesse principal é o desenvolvimento do comércio, o acúmulo de riquezas, a possibilidade de se ganhar mais e perder menos, aumentar ao máximo os lucros e correr o mínimo de riscos.

O comércio sendo o principal interesse econômico global, a integração e socialização são os principais meios de que se pode dispor para se adquirir benefícios recíprocos entre os países.

Embora tenham sido feitos esforços conjuntos no sentido de fazer com que o comércio seja o meio mais eficaz para um desenvolvimento econômico saudável, ainda existem inúmeras providências a serem tomadas pelos Estados para que se encontre um desenvolvimento pleno, como por exemplo, concessões recíprocas, como objetivos comuns.

## **REFERÊNCIAS**

COLONIALISMO. Disponível em: <<http://www.conhecimentosgerais.com.br/historia-geral/colonialismo.html>>. Acesso em: 22 fev. 2012.

DEL POZI, Roberto Dromi Carlos Molina. Acuerdo Mercosur – Union Europea. Buenos Aires: Fareso, 1996.

FREIRE, Silene de Moraes. América Latina, globalização e Mercosul. Disponível em: <<http://www.uerj.br/proealc/America%20Latina,%20Globalizacao%20e%20Mercosul.html>>. Acesso em: 25 fev. 2012

GRANILLO OCAMPO, Raúl. Derecho Público de la Integración. Buenos Aires: Ábaco de Rodolfo Depalma, 2007.

GUERRA fria. Disponível em:  
<[http://www.eurekabr.hpg.ig.com.br/escolar/guerra\\_fria.htm](http://www.eurekabr.hpg.ig.com.br/escolar/guerra_fria.htm)>. Acesso em 25 fev. 2012.

INDEPENDÊNCIA na América. Disponível em:  
<<http://www.conhecimentosgerais.com.br/historia-geral/independencia-na-america.html>>. Acesso em: 24 fev 2012.

INDEPENDÊNCIA na América espanhola.  
<<http://geocities.yahoo.com.br/vinicrashbr/historia/geral/independenciadaamaericaespanhola.htm>>. Acesso em: 24 fev. 2012.

PRIMEIRA guerra mundial. Disponível em:  
<[http://www.culturabrasil.pro.br/primeiraguerra\\_mundial.htm](http://www.culturabrasil.pro.br/primeiraguerra_mundial.htm)>. Acesso em 25 fev. 2012.

SANCHEZ, Alberto M..Derecho de la Integración: in recorrido múltiple por las experiencias de la Unión Europea y del Mercosur. Buenos Aires:Rap, 2004.

SEGUNDA guerra mundial. Disponível em:  
<[http://www.culturabrasil.pro.br/segundaguerra\\_mundial.htm](http://www.culturabrasil.pro.br/segundaguerra_mundial.htm)>. Acesso em 25 fev. 2012.

#### **DIREITOS AUTORAIS**

Os autores são os únicos responsáveis pelo conteúdo do material impresso incluídos neste trabalho.